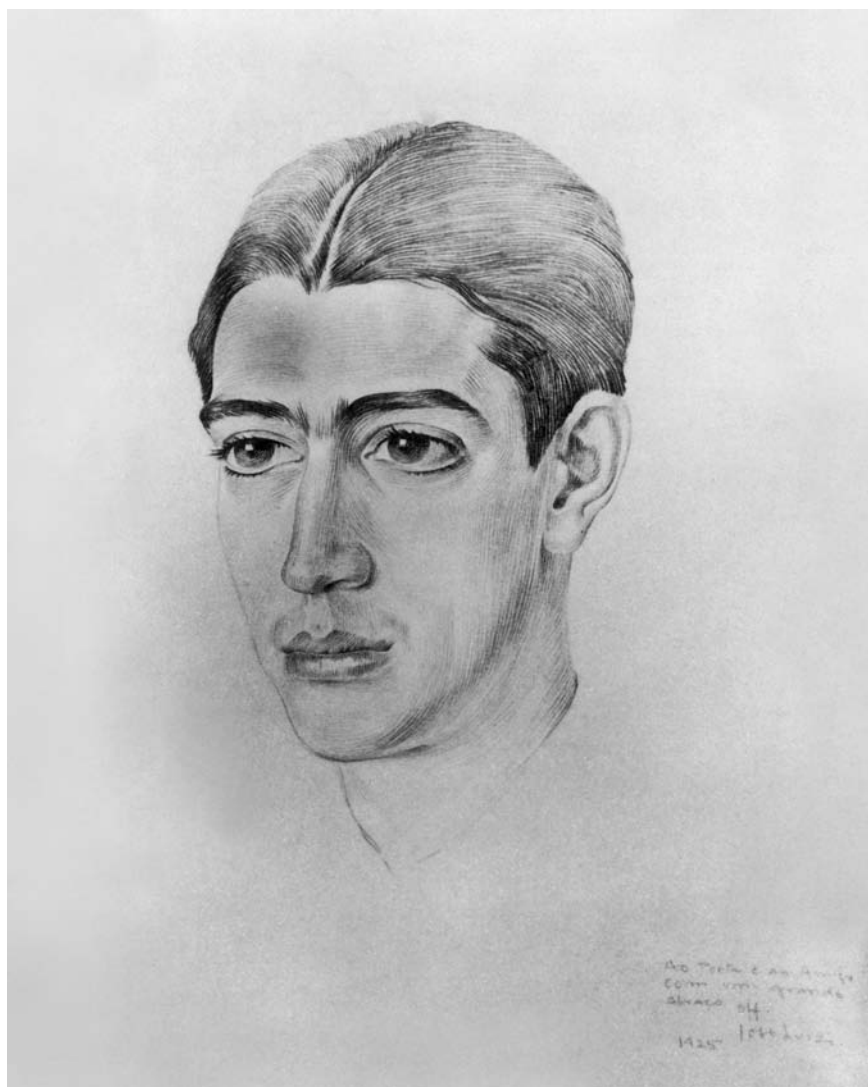


ANRIQUE PAÇO D'ARCOS
POESIAS COMPLETAS





*Retrato a lápis do Autor
por José Brandão de Carvalho, 1925*

ANRIQUE PAÇO D'ARCOS

Era ao fim da batalha... Alguém ficara,
De olhos tristes, no campo ensanguentado,
Sobrevivendo... e, nobre, no seu fado,
Sorria como a flor na pedra de ara:

Mas, ao vento que, súbito, agitara
Passos de dó, que erravam no ar turbado,
Um canto alevantou, — arrebatado
Canto sempre a ascender, em chama clara!

Mas essa voz de Alguém, que inda perturba
E estreita e maravilha a imensa Curva,
Anrique, é a tua voz, — alta memória!

És tu quem vingas a afronta do combate
E, belo, como o arcanjo da Vitória,
Anuncias aos mortos o resgate!

MÁRIO BEIRÃO, 24 de Novembro de 1935.

APRESENTAÇÃO DA POESIA DE ANRIQUE PAÇO D'ARCOS

para a memória de
Maria José Teixeira de Vasconcelos (1913-2005)

INTRODUÇÃO

Manuel Mendes (1906-1969) — que pertenceu na juventude ao grupo da Seara Nova, onde se tornou íntimo de Raul Brandão, Raul Proença e Aquilino Ribeiro, e que foi companheiro próximo de José Rodrigues Miguéis, José Gomes Ferreira e Fernando Lopes-Graça, seus contemporâneos — escreveu um dia sobre a poesia de Anrique Paço d'Arcos, na revista Seara Nova:

Poeta de musa ao mesmo tempo triste e violenta, em toda a expressão de seu talento de verdadeiro artista, ele é bem — como Teixeira de Pascoaes já o disse — mais um valioso continuador da grande obra lírica que desde D. Dinis os poetas portugueses vêm cinzelando em harmoniosíssimos cantos [...]. Hoje, aos nomes de Teixeira de Pascoaes, Eugénio de Castro, Corrêa d'Oliveira, Fausto Guedes, António Botto, Mário Beirão, e outros, [...], nós temos de juntar o de Anrique Paço d'Arcos. [Loc. cit., n.º 53, 15 de Setembro de 1925.]

Estas palavras de Manuel Mendes — sua estreia na prestigiada revista da época — remetem-nos para outras de Teixeira de Pascoaes (1877-1952), o poeta que com Fernando Pessoa mais fundamentalmente removeu as forças estratificadas da nossa poesia, dando-lhe por meio de uma imaginação opulenta um novo e mais alto alento que só é comparável, num plano aparentemente mais irreal mas nem por isso menos sensível, àquele que Camões lhe insufiou pela primeira vez.

O caloroso artigo do poeta de Sempre veio a lume no Diário de Lisboa em 24 de Junho de 1925, numa altura em que já era autor de uma obra vastíssima, repartida pelos vários modos de poesia — épica, lírica ou dramática — ou pela prosa doutrinal, e constitui por isso testemunho de primacial importância, com um valor tanto mais real quanto não se conhecem dele muitos textos críticos sobre a poesia portuguesa do seu tempo, além dos que inseriu em A Águia (recensões, por vezes não assinadas, visto ser o director literário da revista) e dos que depois reuniu em livro (em geral, matéria de conferências anteriores, como acontece com Os Poetas Lusíadas, 1919).

Desse texto, a propósito do mesmo livro que motivou a apreciação de Manuel Mendes, vale a pena transcrever, pelo significado que revestem, alguns passos, que serão o mais alto e definitivo juízo que se possa formular sobre a poesia de Anrique Paço d'Arcos:

Durante a minha vida literária, não muito longa ainda, já fui surpreendido, algumas vezes, pela aparição de novos poetas verdadeiros. Ainda me deslumbra a luz do aparecimento de alguns e já um novo sol me veste duma nova claridade. Refiro-me à *Divina Tristeza*, de Anrique Paço d'Arcos, que acabo de ler, surpreendido e encantado! O espírito poético dos lusíadas encontrou mais um intérprete divino — o mais sincero e espontâneo. [*Diário de Lisboa*, 24 de Junho de 1925.]

VERSOS SEM NOME

[1923]

Ante as janelas baças dos meus olhos
Vêm às vezes passar visões de luz...
Mas cerram-se as janelas dos meus olhos
E não deixam entrar nenhuma luz!

Quantas visões doiradas assim passam
Pela minha alma que as não pode ver!
Fecham-se os olhos quando as visões passam
Para a minha alma não as poder ver.

Porque se fecham tristes e quietos
Estes meus olhos baços e quietos
Quando a minha alma anseia pela luz?

Porque a minha alma, em plena escuridade,
Desses olhos só vê a escuridade,
Pois que eles cegam ao passar da luz?!

Há tanto já que eu ando pela areia,
Em procura dos passos que perdi.
Que há duas noites já que a lua cheia
Ao emergir do mar me encontra aqui!

Em vão eu busco os passos pela areia,
Os passos teus de quando te perdi.
Que há muito já decerto a maré-cheia,
Na fúria de os beijar, quis para si.

Em vão... em vão... Mas nisto, desvairado,
Caio por terra, doido, alucinado,
Vendo na areia nítido o teu pé;

Quero salvá-lo, toda a areia é pouca
Para o guardar, na minha febre louca
De o arrebatat aos beijos da maré!

Braço dado à esperança andei outrora
Pelos campos da vida verdejantes;
Mas a esperança abandonou-me, e agora
Só a saudade vem do que eu fui dantes.

Assim nós vamos pela vida fora,
Eu e a saudade, pobres caminhantes,
Companheira que veio, em boa hora,
Acompanhar meus passos vacilantes.

Assim nós vamos ambos pela vida,
Como mendigos que não têm guarida
E que um ao outro são amparo e guia.

Como aquela fugiu na mocidade,
Não me fuja também esta saudade...
Que sozinho na vida ficaria!

Saudades o que são? São cinzas frias
Que foram fogo e luz no coração;
Mas cinzas tristes, pálidas e frias
Sepultadas no fundo dum vulcão.

Que são saudades? Sombras fugidias
Que em vão tentamos alcançar, em vão;
Sombras errantes pelas noites frias
Nos caminhos sem luz do coração.

Saudade é fumo que uma brisa ondeia,
Vento triste que chora por alguém;
Ondas mortas rojando-se na areia,

Sombras que vindas de outro mundo, além,
Formam a névoa que hoje me rodeia,
Sombras perdidas, sombras sem ninguém...

ÍNDICE

Apresentação da poesia de Anrique Paço d’Arcos, por ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO	9
Era uma vez um poeta... por ANRIQUE PAÇO D’ARCOS	31

VERSOS SEM NOME

[1923]

<i>Ante as janelas baças dos meus olhos</i>	59
<i>Há tanto já que eu ando pela areia,</i>	60
<i>Braço dado à esperança andei outrora</i>	61
<i>Saudades o que são? São cinzas frias</i>	62
<i>Em sonhos eu julguei-me um assassino</i>	63
<i>Hora pálida e branca, hora em que o dia</i>	64
<i>Hora lilás, da cor desta saudade</i>	65
<i>A água que canta, correndo da fonte,</i>	66
<i>Outro dia, quando eu ia muito triste, a passear,</i>	67
<i>Matar saudades... como diz o povo,</i>	68
<i>A cruz castanha e esguia em que, outras eras,</i>	69
<i>No cemitério a alegria,</i>	70
<i>Eu tenho um relógio com dois mostradores,</i>	71
<i>Tive torres e castelos</i>	72
<i>Eu conheço a minha sombra</i>	74
<i>Cismando na vida seguia outro dia,</i>	75
<i>A minha alma passeia a vida inteira</i>	76
<i>Meu palácio de luz onde eu vivia,</i>	77

DIVINA TRISTEZA

[1925]

Divina tristeza	81
Nocturno.....	82
Crepúsculo montanhês	85
Canção	87
Névoa.....	88
Horas mortas.....	89
Noite	90
Água e fogo	91
Canção dos moinhos	92
Balada das ondas mortas	93
Luz do fim	95
Nada	96
Eterna despedida	97
Canção do Encoberto	98
<i>Tanto cuidando em partir</i>	99
<i>Tudo na vida tem rumo,</i>	100
Elegia da dor.....	101
Elegia remota	102
Elegia do fogo	104
Elegia da noite.....	106
Elegia do silêncio.....	107
Elegia do adeus	108
Elegia do regresso	109
<i>Que tristeza infinita me rodeia!</i>	110
<i>Uma onda, outra onda, outra rolando...</i>	111
<i>Sobre a terra baixou a densa névoa;</i>	112
<i>Quem sabe a dor das árvores gemendo,</i>	113
<i>A lua, lá nos céus, lembra uma taça</i>	114
<i>Nos longes da memória e da distância,</i>	115
<i>O sol, rosa vermelha a desfolhar-se</i>	116
<i>Ó meu saudoso olhar, penumbra triste</i>	117
<i>Este meu coração é uma lareira acesa</i>	118
<i>A lua é uma princesa encarcerada</i>	119
<i>Ó presença divina da saudade</i>	120
<i>Esta tristeza que me envolve agora</i>	121
<i>Ondas do mar, do luar, ondas da vida,</i>	122
<i>Alma, rosa de luz na noite escura;</i>	123
<i>No meu olhar de sombra e de tristeza</i>	124
<i>As árvores a Deus erguem os ramos</i>	125
<i>Os meus olhos são lâmpadas acesas</i>	126

<i>Hora triste do lento entardecer...</i>	127
<i>Lá vai, lá vai a longa caravana,</i>	128
<i>Saudade é querer viver o já vivido,</i>	129
<i>Amar, mas sem amor não há ventura,</i>	130
<i>Oh, ficar a sonhar perdidamente,</i>	131
<i>Nas horas em que os longes esmaecem</i>	132

MORS-AMOR

[1928]

Saudade minha	135
Invocação.....	136
Elegia da manhã	138
Irmão da terra	140
Manhã do Encoberto	141
Rio de lágrimas.....	142
Minha terra	144
Tristeza indefinida	145
A voz das fontes	146
A minha sombra	148
O vento.....	149
O Encoberto	150
Crepúsculo	154
Eu	155
Voz da evocação	156
Soledade	158
Descrença	159
Lar do outono.....	160
Nauta.....	161
Revelação	163
Luz divina.....	164
Evocação	165
Desolação	167
Via dolorosa	171
Queda	172
Os mortos.....	173
Para Deus	176
Mors-amor	177
Cântico	178
Transfiguração	180
Canção	182
Aparição	184

Por tua graça	185
No crepúsculo	186
Além da morte	188

PEREGRINO DA NOITE

[1931]

Canto 1	191
Canto 2	192
Canto 3	194
Canto 4	196
Canto 5	197
Canto 6	199
Canto 7	200
Canto 8	202
Canto 9	203
Canto 10	204
Canto 11	206
Canto 12	207
Canto 13	208
Canto 14	209
Canto 15	210
Canto 16	211
Canto 17	212
Canto 18	213
Canto 19	215
Canto 20	216
Canto 21	217
Canto 22	218
Canto 23	220
Canto 24	220
Canto 25	221
Canto 26	222
Canto 27	223
Canto 28	225
Canto 29	226
Canto 30	227
Canto 31	228
Canto 32	229
Canto 33	230
Canto 34	231
Canto 35	233

Canto 36	234
Canto 37	235
Canto 38	236
Canto 39	237
Canto 40	239
Canto 41	240
Canto 42	241

CIDADE MORTA

[1939]

Invocação	245
Cidade morta	247
Infinito	248
Ansiedade	249
E a caravana passa... ..	250
Væ soli!	251
Prece	252
Além-saudade	253
Dor remota	254
Casa assombrada	255
Nocturno	256
Esboço	257
Ascensão	258
Ronda da morte	259
Alucinação	260
Palhaço	261
Descalabro	262
Estátua	263
Hora final	264
Intermezzo	265
Dísticos	266
Destino	267
Na morte do Guilherme de Faria	268
Vitral	269
Além	270
Sombra de Cristo	271
Cântico ao sol	272
Pressentimento	273
Dor incerta	274
Amor	275
Despedida	276

Paisagem nocturna	277
Canção antiga	278
Vilancete.....	279
Rimance do mar.....	280
Alcácer Quibir	282
Voz	285
Elegia da sombra	286
Fiat lux	288
Vento de além	289
Regresso	290
Laje tumular	291
O homem e a pedra	292

ESTRADA SEM FIM

[1947]

Estrada sem fim	301
Luz de Deus	302
Prometeu	303
Insatisfação.....	304
Sede de luz.....	305
Nocturno.....	306
O novo arcanjo ou o sonho do poeta	307
Credo	308
Carnaval.....	309
Mar tenebroso	310
Insónia.....	311
Banquete	312
Enterro	313
Cativeiro.....	314
Olimpíada	315
Confiteor	316
Ó morte, quando vieres... ..	317
Canção	318
Chove lá fora.....	319
Romantismo	320
Canção da sombra	321
Encontro	322
Vazio	323
Desdobramento	324
Désir	325
Evasão	326

Terra de ninguém	327
A lua espelha-se nas águas.....	328
Horas mortas.....	329
Fama.....	330
Dádiva	331
Louvor a Deus.....	332

CÍRCULOS CONCÊNTRICOS

[1965]

Círculos concêntricos	335
A máscara	336
Árvore prostrada	337
Tédio	339
Canção	340
Segredo	341
Narciso	342
Geometria.....	343
Tentação	344
Ícaro.....	345
Impresença.....	346
Via æterna	347
Estrela morta	348
Valeste-me tu, acaso... ..	349
Onde os vândalos passaram.....	350
Quando o navio partiu.....	352
Balcão	354
Ladainha	355
Renúncia	356
Saudades do céu	357
Combate	358
Pœnitet me!	359
Vertigem	360
Ópio	361
Revelação	362
Corcel de fogo.....	363
Nau Catrineta	364
A invenção da vida.....	365
Vaidade das vaidades	366
Olimpíada	367
Ambição.....	368
Na morte de Pascoaes.....	369

Ao Mário, na sua morte	370
A Santa Clara de Assis	371
Mundo novo	372
Prece	374
Elegia incompleta	375
Ave Crux!	376
Oração	377

VOZ NUA E DESCOBERTA

[1981]

À memória de meu irmão Joaquim	381
Lar do outono	382
OVNI	386
Oblação	387
<i>Entre o Céu e a Terra me perfilo,</i>	388
Oremus	389

POESIAS INÉDITAS

Queimada	393
Ofélia	394
Adeus	395
Amor	396
Aparição	397
<i>Há em mim um que diz sim,</i>	399
Mãos quentes	400
Marginália	401